

JOSIANE PAIVA



ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA
Uma experiência na Rede Municipal de Juiz de Fora
Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

JOSIANE PAIVA



ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA

Uma experiência na Rede Municipal de Juiz de Fora

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Paiva, Josiane, 1979- ENSINO DA ARTE CONTEMPORÃNEA – Uma experiência na Rede Municipal de Juiz de Fora: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Josiane Paiva. – 2015.
29 f.

Orientador(a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rocha, Melissa Etelvina de Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA – Uma experiência na Rede Municipal de Juiz de Fora*, de autoria de Josiane Paiva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Melissa Etelvina de Oliveira Rocha - Orientador

Juliana Mafra (Membro da Banca)

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

AGRADECIMENTOS

Á Deus por me guiar na perseverança para alcançar mais esse objetivo.

À minha família, pelo apoio e compreensão em todos os momentos do curso.

À minha orientadora Melissa Etelvina de Oliveira Rocha, pela atenção e apoio nas sugestões, correções e comentários na realização desse trabalho.

Às tutoras, sempre pacientes, nos auxiliando com sugestões, conhecimentos e orientações em cada etapa do curso.

Aos colegas do curso, por compartilharem suas ideias e experiências, pelo apoio nas dificuldades enfrentadas, pelo convívio durante as aulas presenciais.

À comunidade da Escola Doutor Paulo Japyassu: às diretoras pelo apoio, aos professores pelo incentivo e aos alunos da turma do 9º ano, com sua criatividade e colaboração

A todos que de alguma forma participaram dessa conquista.

RESUMO

A arte contemporânea foi aqui apontada como um conteúdo muito importante para o ensino-aprendizagem em Arte, de forma contextualizada à abordagem triangular de Ana Mae Barbosa. Os alunos conheceram alguns artistas contemporâneos e tiveram a oportunidade de produzir, partindo de obras apresentadas em sala de aula. Exploraram o conceito da caixa como objeto do cotidiano, retirada de sua função habitual e utilizada como objeto de arte.

Palavras-chave: Ensino; Arte Contemporânea; Caixa.

ABSTRACT

Contemporary art was here identified as a very important for teaching and learning in art content in context to the triangular approach of Ana Mae Barbosa. Students met some contemporary artists and had the opportunity to produce, starting from works presented in class. They explored the concept of the box as everyday object, taken from their usual function and used as an object of art.

Keywords: Education; Contemporary art; Cashier.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Obra <i>Caixa 1914</i> de Marcel Duchamp.....	18
Imagem 2: Obra <i>Boîte-em-valise</i> de Marcel Duchamp.....	18
Imagem 3: Obra <i>B 13 Bólíde Caixa 10</i> de Hélio Oiticica.....	19
Imagem 4: Obra <i>B 13 Bólíde Vidro 14 “Estar”</i> de Hélio Oiticica.....	20
Imagem 5: Atividade dos alunos sobre apropriação de objetos a partir das obras de Marcel Duchamp.....	22
Imagem 6: Atividade dos alunos partindo da obra de Beatriz Milhazes.....	22
Imagem 7: Atividade dos alunos partindo da obra do Profeta Gentileza.....	22
Imagem 8: Alunos organizando as caixas.....	24
Imagem 9: Instalação no corredor da escola.....	24
Imagem 10: Demais alunos participando da Instalação.....	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1	
1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NO BRASIL E A ABORDAGEM TRIANGULAR NA PRÁTICA DOCENTE	11
1.2 ARTE CONTEMPORÂNEA NA SALA DE AULA E A APROPRIAÇÃO DA CAIXA	14
CAPÍTULO 2	
2.1 A ARTE CONTEMPORÂNEA E A LINGUAGEM DA INSTALAÇÃO	16
2.2 EXPERIÊNCIAS DIFERENCIADAS DE APROPRIAÇÃO DA CAIXA	17
CAPÍTULO 3	
3.1 EXPLORANDO ARTE CONTEMPORÂNEA	21
3.2 A APLICAÇÃO DO CONCEITO CAIXA	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
ANEXOS	29

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se desenvolveu a partir de uma atividade realizada no início do segundo semestre de 2015, com uma turma de 9º ano do ensino fundamental, da Escola Doutor Paulo Japyassu, pertencente à rede municipal de Juiz de Fora. O conteúdo focado foi arte contemporânea, com suas características principais enfatizadas, sendo apresentadas, analisadas e praticadas pelos alunos. A relação com o cotidiano, a co-participação do público nas obras, a inserção da obra de arte em espaços não convencionais, a utilização de materiais diversificados, os conceitos de instalação e intervenção, foram as características destacadas. O objetivo foi verificar e analisar o processo de ensino-aprendizagem, enfatizando sempre os processos do ver, fazer e contextualizar, bem como o desenvolvimento dos alunos frente aos conceitos artísticos apresentados.

No primeiro capítulo foi feita uma explanação sobre os principais momentos da arte na educação até os dias atuais, enfocando a proposta triangular da educadora Ana Mae Barbosa, além de ter abordado a distribuição de conteúdos de arte nas turmas da escola acima citada. Também foi destacado o papel atual da arte contemporânea nas escolas, enfoque que não é observado em sua maioria, não sendo um conteúdo recorrente; e a apropriação da caixa como obra de arte na sala de aula, contextualizando-a ao processo artístico contemporâneo.

No segundo capítulo, foi feita uma abordagem sobre a arte contemporânea, sua instauração, suas características e a linguagem da instalação citando artistas e obras que as exploram. A apropriação da caixa em realidades diferenciadas desenvolvidas por alguns artistas como Marcel Duchamp, Hélio Oiticica e Joseph Cornell, foi também enfocada.

No terceiro capítulo foi apresentada a atividade com os alunos, partindo de conceitos da arte contemporânea e instalação, previamente explorados em sala de aula, com atividades diversas. Para o trabalho foco da pesquisa, os alunos conheceram artistas e obras que utilizaram o conceito da caixa, além de outras linguagens que também exploram tal conceito. Após essa etapa, os alunos construíram sua caixa, revestindo-a de um significado específico e temas diversificados. A finalização do trabalho realizou-se através de uma

exposição no corredor da escola, sendo publicadas fotos sobre cada etapa desenvolvida.

CAPÍTULO 1

1.1- CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE ARTE NO BRASIL E A ABORDAGEM TRIANGULAR NA PRÁTICA DOCENTE

A disciplina de Arte no Brasil já percorreu um percurso considerável, na busca de assumir a sua importância como área de conhecimento, seja com a vinda dos jesuítas, ou com a instalação da Academia Imperial de Belas Artes, seja pela abertura de escolinhas de Arte como no período do Modernismo, onde se deu importância ao desenvolvimento artístico infantil, enfatizando a livre expressão das crianças; seja conquistando espaço no currículo escolar com a Lei 5692/ 71, mesmo que de maneira não satisfatória, uma vez que, como afirma Ana Mae Barbosa:

No Brasil, como vemos, nem a mera obrigatoriedade nem o reconhecimento da necessidade são suficientes para garantir a existência da Arte no currículo. Leis tão pouco garantem um ensino/ aprendizagem que torne os estudantes aptos para entender a Arte ou a imagem na condição pós-moderna contemporânea. (BARBOSA, 2008, P. 14)

Entre outros avanços, o surgimento de cursos para formação e aperfeiçoamento dos professores, para buscar meios de abordar o conteúdo artístico em sala de aula de maneira contextualizada, através de propostas que possibilitem ao aluno a produção do conhecimento de forma plena, também vem favorecer o papel da arte nas escolas, mesmo que essa condição seja influenciada por cada realidade existente. Fazendo um breve histórico, partindo do final do século XIX, é possível perceber que o ensino da Arte no Brasil, sempre esteve vinculado a uma pedagogia específica, referente aos interesses da sociedade em cada período, assim como as demais áreas do conhecimento escolar. De forma sucinta, a Pedagogia Tradicional, que teve início no século XIX, passando pelo século XX e sendo ainda utilizada por alguns docentes, enfatiza a figura do professor como absoluta, as atividades de Arte baseiam-se na reprodutividade de modelos pré-estabelecidos, desenhos decorativos, geométricos ou ilustrativos de datas comemorativas. A Pedagogia Nova, foi instaurada no Brasil em 1930, nela os alunos construía o conhecimento através de uma problematização apresentada. As atividades artísticas estavam voltadas para o desenvolvimento da expressividade individual de crianças, a

livre expressão e o enfoque à sensibilidade em produções de trabalhos artísticos. Foi nessa época, que começou a surgir no país muitas escolinhas de arte para crianças. A Pedagogia Tecnicista adotada no Brasil entre 1960 e 1970, voltou-se para a formação de indivíduos para o mercado de trabalho, o desenho técnico e os trabalhos manuais eram enfocados. A Pedagogia Realista-Progressista voltou-se para o objetivo de redimensionar o papel da escola, favorecendo uma formação conscientizadora e crítica, através de algumas vertentes como a libertadora ou a crítico-social com características específicas. O que é possível perceber é que, o ensino de Arte se encontra ainda defasado em relação ao conteúdo artístico que é oferecido aos alunos nas escolas, como afirma Maria F. de Rezende e Fusari e Maria Heloísa C. de T. Ferraz:

Dentre os problemas apresentados no ensino artístico, após a Lei 5692/ 71, encontram-se aqueles referentes aos conhecimentos básicos de arte, métodos para apreendê-los durante as aulas, sobretudo nas escolas públicas. O que se tem constatado é uma prática diluída, pouco ou nada fundamentada, na qual métodos e conteúdos de tendência tradicional e novista se misturam sem grandes preocupações, com o que seria melhor para o ensino de Arte. (FUSARI E FERRAZ, 2001, p. 43)

A partir da década de 1980, Ana Mae Barbosa começou a desenvolver a abordagem triangular em escolas de arte e museus de arte contemporânea, que estabelece que o ensino de Arte deve alicerçar-se nas habilidades “ver”, “ler” e “fazer”. Ao ter contato com determinado conteúdo artístico, (seja sobre um artista, técnica, ou período artístico) os alunos devem visualizar imagens a ele relacionadas, desenvolvendo a percepção na análise dos elementos presentes; situá-las no tempo e no espaço, relacionando-as com a história da arte, em que contexto ela foi construída ou mesmo analisar possíveis relações com a realidade; em sua produção pessoal o aluno terá capacidade de estabelecer um diálogo com o conteúdo apreendido, porém favorecendo sua autonomia nessa produção. Esses três eixos devem ser explorados de forma concomitante para permitir o conhecimento em Arte:

A Proposta Triangular não indica um procedimento dominante ou hierárquico na combinação das várias ações e seus conteúdos. Ao contrário, aponta para o

conceito de pertinência na escolha de determinada ação e conteúdos enfatizando, sempre, a coerência entre os objetivos e os métodos. (RIZZI, 2008, P. 69)

Em minha prática, ao planejar as atividades a serem propostas, busco o desenvolvimento da abordagem triangular, crendo que ela favorece a apreensão do conteúdo artístico contextualizado e facilita a produção dos alunos. Na rede municipal de ensino de Juiz de fora, onde atuo, temos uma proposta curricular para ser aplicada em sala de aula referente a cada disciplina, inclusive Arte, tal proposta oferece possibilidades de conceitos e conteúdos para o ensino fundamental, mas a definição para cada período escolar, fica à cargo do professor. Na escola em que leciono, a disciplina de Arte está presente do sexto ao nono ano, estabeleço a divisão do conteúdo de modo a tentar contemplar alguns dos conceitos principais: no sexto ano, os alunos têm contato com os elementos que constituem as obras de arte, como o ponto, as formas ou as cores; no sétimo ano são apresentadas aos alunos as diversas técnicas desenvolvidas pelos artistas em diferentes períodos da história da arte, como a pintura, a escultura ou o grafite; no oitavo ano, os alunos exploram o conteúdo sobre história da arte até o período moderno, incluindo a arte brasileira; no nono ano os alunos já têm uma diversidade de conceitos adquiridos e uma maturidade considerável, o que favorece uma maior autonomia em suas produções, passam a ter contato com a arte contemporânea e o processo de sua instauração.

O período da arte contemporânea talvez não seja de fácil abordagem na sala de aula, bem como não seja facilmente compreendido pelos alunos, se caracterizando pela abertura em relação a técnicas e materiais não convencionais, por não apresentar características delimitadas que permitam o seu enquadramento em determinada modalidade, as obras nem sempre são construídas com uma técnica definida, entre outros aspectos. Apesar disso, me interessa em explorá-la, porque os alunos conseguem realizar propostas que favorecem o seu desenvolvimento crítico e a capacidade de representar um conceito ou uma ideia através de sua produção, frente a um tema que lhe é apresentado, de forma autônoma, além de ser um conteúdo pertinente ao universo artístico, portando deve também ser focado.

1.2 – ARTE CONTEMPORÂNEA NA SALA DE AULA E A APROPRIAÇÃO DA CAIXA

Ao explorar a arte contemporânea na sala de aula abordando um conceito ou um artista específico apresento aos alunos vídeos e slides em projetos multimídia para que eles possam visualizar as obras construídas, percebendo o percurso desenvolvido pelo artista no processo de produção das mesmas. Promovo então, discussões sobre o que cada obra pretende comunicar, para formulação de hipóteses sobre o propósito do artista, além de analisar os procedimentos, os elementos e materiais que constituem a obra e uma possível relação com a realidade ou o cotidiano. Após esse processo, os alunos são motivados a construir sua própria obra, referente a um conceito, um artista ou uma obra específica. O período da arte contemporânea está sendo explorado nessa pesquisa por já fazer parte da minha prática docente e por favorecer o desenvolvimento do pensar, ver, criticar e refletir sobre determinados conceitos. Nas propostas de atividades busco motivar os alunos para a produção poética relacionada ao seu cotidiano ou situações ligadas a ele, uma vez que “ a arte faz por si só essa aproximação, misturando cada vez mais questões artísticas, estéticas e conceituais aos meandros do cotidiano, em todas as instâncias [...]” (CANTON, 2009, P.09). Geralmente, tenho um resultado satisfatório nas produções, mesmo que à princípio os alunos apresentem dúvidas para iniciá-las, conseguem posteriormente saná-las e produzir.

A produção contemporânea permite maior liberdade ao aluno na concepção de seu trabalho quanto ao tema, à escolha de materiais e técnicas, levantando questões referentes ao seu modo de pensar e agir, desenvolvendo sua capacidade crítica e o seu potencial criativo frente a uma ideia norteadora. Os alunos estão construindo uma proposta de trabalho que enfoca algumas características da arte contemporânea, já também exploradas em atividades anteriores desde o início do ano letivo, tais como: a liberdade do artista para construir sua obra; a utilização e apropriação de materiais e objetos do cotidiano que passam a ter novas funções, conceitos e significados, utilizados para representar a ideia do artista; o papel do espectador como co-produtor, sendo essencial para a finalização da obra podendo interagir ou participar da mesma; a ocupação de espaços que fogem à característica de museu ou

galerias de arte, levando as obras ao encontro com o público, permitindo suas reflexões e críticas; os alunos estão construindo uma proposta de trabalho que enfoca tais características.

Buscando eleger um elemento, uma técnica, uma linguagem, um conceito ou um artista, optei por realizar um trabalho que envolvesse a ideia de “refuncionalizar” um objeto do cotidiano, representando um conceito que não lhe é próprio; e que explorasse a ideia da instalação, que permitisse a interação com o espaço escolar e onde pudéssemos, eu e os alunos da turma, observarmos possíveis reações dos demais e dos professores ao terem contato com a obra, no momento de sua exposição. Após algumas pesquisas sobre obras e artistas contemporâneos que enfocam a linguagem da instalação e a exploração de objetos nas obras de arte, optei por utilizar a caixa, dando-lhe um significado poético e subjetivo, retirando a sua função de guardar elementos concretos do dia a dia. Ao propor a atividade para os alunos apresentei imagens e recursos que evidenciam o uso ou o conceito da caixa, como obras de Marcel Duchamp e Hélio Oiticica, a história “A caixa de Pandora” e o poema “Caixinha mágica” de Roseana Murray. Essas referências nortearam o início da produção dos alunos, que realizaram escolhas sobre conceitos subjetivos e elementos que pudessem representá-los e serem guardados dentro de uma caixa.

CAPÍTULO 2

2.1- A ARTE CONTEMPORÂNEA E A LINGUAGEM DA INSTALAÇÃO

O período artístico contemporâneo teve início por volta de 1950, com resquícios da arte moderna que buscou a simplificação das formas, levantou e explorou questionamentos referentes aos padrões e regras das escolas de arte, desbancando a representação ilusória dos elementos, pregada pelos acadêmicos. A abertura ainda maior que a arte contemporânea ofereceu aos artistas na apresentação de suas obras e conceitos, favoreceu o desenvolvimento de múltiplas linguagens, onde a ideia do artista passou a ser tão importante quanto a obra em sua concretude. Um novo campo no processo de criação se instaurou, com características inovadoras como a utilização de materiais diversificados, incomuns para obras de arte, como objetos do cotidiano retirados de sua função habitual; novos suportes passaram a servir ao trabalho artístico, como o corpo ou elementos da natureza; além de permitir a exploração de espaços não convencionais, como os museus e as galerias de arte, se apropriando da possibilidade de levar a arte até os espectadores, em espaços por eles frequentados como as ruas, os calçadões, lojas, instituições, entre outros, explorando performances, instalações, intervenções urbanas e demais linguagens. Dessa forma os artistas contemporâneos, utilizam novas formas de apresentar as obras, seja com o uso de materiais alternativos, seja explorando novos espaços, ou ainda trabalhando com suportes diferenciados, para servir à sua ideia, como afirma Kátia Canton:

A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, “livre de pré-conceitos”, mas repleto de atenção. (CANTON, 2008, P.12)

Ainda, segundo Canton (2008), a arte contemporânea, apesar desses aspectos subjetivos explorados, tem seu lugar na história da arte, conceituada pelo desenvolvimento da objetividade na construção do conhecimento e da reflexão.

A linguagem da instalação artística, abrange vários aspectos da arte contemporânea, com destaque para a exploração de espaços diferenciados,

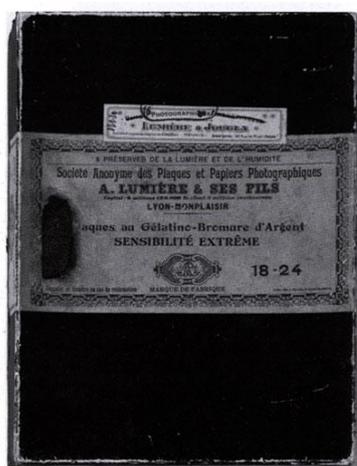
não se limitando àqueles comuns às obras de arte, a intenção de promover a participação do espectador favorecendo experiências sensoriais ao poder penetrar, manipular ou simplesmente explorar sensações, ele se torna o agente de finalização da obra, além de remeter à intervenção artística quando promove a modificação do ambiente em que se insere. Alguns artistas exploram a instalação com o objetivo de possibilitar a participação do espectador como co-autor da obra, de maneiras diversas, como Cildo Meireles, em *Desvio para o vermelho* (1967-1984), que pode provocar sensações pela cor enfatizada e as metáforas a ela inerentes, ou pelos elementos utilizados que fazem referência ao cotidiano; Hélio Oiticica que apresentou múltiplas formas para favorecer a experiência do espectador com as séries *Bóides* (iniciados em 1963), *Penetráveis* ou *Núcleos* (1960), também enfatizou o papel do espectador como fundamental para a finalização de suas obras, com suas ações ou suas sensações.

2.2 – EXPERIÊNCIAS DIFERENCIADAS DE APROPRIAÇÃO DA CAIXA

A ideia de se utilizar objetos ou materiais já existentes em uma obra surgiu com a colagem e a assemblage, ainda na época do Cubismo, em que os artistas se apropriavam dos mesmos, a fim de acoplá-los à ideia inicial para produção de significados, mas eram utilizados em conjunto com a linguagem do desenho ou da pintura. Em 1914, Marcel Duchamp introduziu o conceito de ready-made na arte, nome dado por ele para as obras “construídas” a partir da apresentação de determinados objetos produzidos em grande escala e retirados de sua função cotidiana ao serem eleitos para representar uma ideia do artista, ação que acabou favorecendo a reflexão a respeito do conceito de obra de arte.

O conceito caixa pode abranger vários significados e funções, que já foram explorados por alguns artistas modernos ou contemporâneos, seja como objeto do cotidiano retirado de seu contexto habitual, seja como suporte que guardar ideias, lembranças, imagens e até mesmo obras de arte, mas sem remeter apenas à objetividade de sua função original, e sim com conceitos subjetivos que possam sugerir outros significados, como objeto comum, modificado para materializar uma ideia a ser desenvolvida por um determinado

artista, portanto a forma e o conceito da caixa podem ser apropriados como suporte ou como o próprio elemento significativo de uma obra. Foi Duchamp o primeiro artista a considerar a caixa em uma obra de arte, como objeto que reúne ou armazena outros elementos que a constituem. Utilizou-a em três obras: *Caixa* de 1914, *Caixa Verde* de 1934 e *Boîte em valise* de 1941. O artista se apropriou da caixa para guardar suas criações e informações sobre as mesmas e também sobre outras obras construídas por ele, onde o significado da obra está tanto nos elementos em seu interior, quanto na parte externa. Essas caixas obedeceram a uma determinada ordem de construção, formando uma cadeia de influências entre elas. O artista se apropriou da caixa como um meio para expor suas obras, mas também para guardá-las.



lid of box no. 1

Imagem 1: *Caixa* 1914. Fonte: > Acesso em 25/10/2015.

<<https://multiplosdearte.wordpress.com/category/precursores-dos-multiplos/duchamp-multiplos-de-arte/>>



Imagem 2: *Boîte-en-valise*. Fonte:

<<https://www.pinterest.com/pin/524387950332579730/>> Acesso em 25/10/2015.

O artista Joseph Cornell, a partir de 1930, também se apropriou da caixa explorando sua função de guardar objetos coletados (inicialmente banais) que

são eleitos pelo artista e acumulados em caixas com tampas de vidro, que em alguns casos tinham o objetivo de serem manipuladas. A disposição dos objetos nas caixas obedeciam a critérios determinados pelo artista, que explorou a subjetividade e o caráter pessoal em sua obra. Já o brasileiro Hélio Oiticica, a partir de 1963, se apropriou da caixa com a criação da série “*Bólides*”, em que utilizou caixas coloridas de madeira ou vidro contendo substâncias ou materiais como pigmentos, tecido, terra e até mesmo líquidos, para serem manipulados pelo espectador, que proporcionava sensações pelas cores ou texturas dos elementos explorados. Essas séries de caixas eram criadas e/ ou organizadas com características específicas em relação à materiais, cores e proporções, mas apresentando em comum o fato de materializar a experiência artística, incorporar a ideia do artista e conter elementos que permitam a experiência sensorial do espectador. À princípio, os Bólides possuíam dimensões menores que possibilitaram o manuseio dos elementos, mas Hélio Oiticica também passou a criar Bólides com dimensões ainda maiores, que favoreciam o envolvimento de todo o corpo do espectador. Essa série de Bólides apresentou setenta peças e foi o ponto de partida para o projeto “*Manifestações Ambientais*” de Hélio Oiticica, que foi um conjunto de obras de grande importância e que solicitou ainda mais a participação ativa do público.



Imagem 3: *B 13 Bólida Caixa 10*. Fonte: <<http://www.heliooiticica.org.br/obras/obras.php>> Acesso em 25/10/2015.



Imagem 4: *B 13 Bólido Vidro 14 "Estar"*. Fonte:
<http://www.helioitica.org.br/obras/obras.php?pageNum_obras=1&totalRows_obras=8>
Acesso em 25/10/2015.

CAPÍTULO 3

3.1- EXPLORANDO ARTE CONTEMPORÂNEA

Abordar conceitos e linguagens artísticas contemporâneas na escola, ainda não é uma realidade frequente, talvez por deficiência na formação dos professores, uma vez que como afirma Ana Magalhães:

[...] as estruturas curriculares dos cursos superiores de Artes (licenciaturas), apesar de sua relevância em seu tempo de criação, já apresentam lacunas teórico-metodológicas para formar professores de Arte entrosados com as novas perspectivas contemporâneas. Nesse sentido, a área de Artes necessita de cursos que objetivem a formação de cidadãos críticos, inventivos e participativos. (MAGALHÃES,2008, P.163)

Dificuldades no processo de compreensão dos alunos, também pode ser um aspecto que desfavoreça tal abordagem, é preciso que eles entendam a sua instauração e as possibilidades múltiplas para a criação artística que a contemporaneidade permite. Para facilitar essa compreensão, a arte contemporânea deveria ser um conteúdo explorado nos primeiros anos escolares, como relata Analice Dutra Pilar:

O ensino da Arte, dentro de uma visão contemporânea, busca possibilitar atividades interessantes e compreensíveis à criança, por estarem adequadas ao seu processo de aquisição da leitura. O que se busca é muito mais entender os processos de leitura, do que indicar o que fazer com as crianças em sala de aula. (PILAR, 2008, P. 81)

Através de propostas contemporâneas aos alunos é possível objetivar o desenvolvimento da autonomia, da crítica, ou mesmo da criatividade, em relação às questões sociais, políticas, culturais, entre outras, partindo de interesses individuais ou coletivos que possam ser materializados através de produções plásticas.

Ao optar por explorar a arte contemporânea com os alunos de uma turma de 9º ano, objetivo que eles conheçam as várias linguagens e possibilidades de criação artística, favorecendo a capacidade crítica, relacionando os processos artísticos às visões pessoais referentes a determinado tema proposto. Essa realidade lhes é apresentada após

adquirirem, nos anos escolares anteriores, conhecimentos teóricos, de leitura de imagens, além de diversas técnicas utilizadas ao longo da história da arte. Para desenvolver a atividade que é alvo da presente pesquisa, os alunos desenvolveram práticas que permitiram o contato com obras e artistas contemporâneos que contemplam o uso de materiais e espaços não convencionais, que dialogam com o público e que favoreçam a abordagem de questões pessoais e autônomas. Foram apresentados os artistas Marcel Duchamp, quando os alunos se apropriaram de objetos já existentes; Beatriz Milhazes, onde os alunos partiram de suas obras bidimensionais para construir trabalhos tridimensionais para serem utilizados em uma instalação artística; e ainda as criações do Profeta Gentileza, que serviram de base para que os alunos produzissem inscrições para uma intervenção na escola.

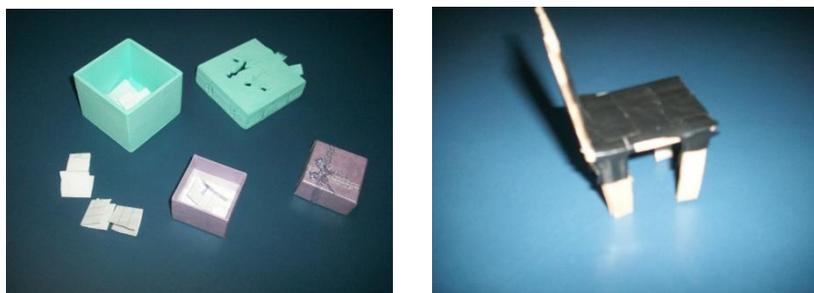


Imagem 5: exemplos de apropriação de objeto já existente partindo das obras de Marcel Duchamp



Imagem 6: atividade partindo da obra de Beatriz Milhazes



Imagem 7: atividade partindo da obra do Profeta Gentileza

3.2- A APLICAÇÃO DO CONCEITO CAIXA

A atividade realizada com os alunos explorou o objeto caixa, de modo a retirá-la parcialmente do seu contexto habitual, pois foi utilizada ainda como um objeto que guarda elementos relevantes do cotidiano, porém carregados de subjetividade, relacionadas às questões pessoais e/ ou emocionais. Anteriormente à proposta, foram apresentados aos alunos os conceitos de “objeto de arte” e Instalação Artística, por meio de visualização de imagens em projetor multimídia, com discussão e análise das mesmas, enfatizando os materiais utilizados, o contexto em que cada obra foi criada, o artista e seu processo de criação na arte contemporânea. Textos informativos também foram discutidos sobre os conceitos e as produções contemporâneas, sendo os alunos motivados a pensar e a desenvolver ideias relativas ao seu cotidiano, na execução de atividades. As produções com a aplicação do conceito caixa iniciaram no terceiro bimestre, com a apresentação das obras de artistas que já exploraram caixas em contextos diferenciados. Foram explorados Marcel Duchamp, que utilizou a caixa como suporte para guardar e expor suas obras; Hélio Oiticica com a série *Bólides*, caixas para serem manipuladas pelo espectador e que enfocam a cor e materiais em seu interior, com texturas e aspectos diversos; e finalizando, Joseph Cornell que elegia objetos aleatórios para serem guardados em caixas. A próxima etapa foi expor a história *Caixa de Pandora* e explorar o poema *Caixinha Mágica*, da escritora Roseana Murray, nos dois casos a caixa foi abordada como objeto que armazena elementos subjetivos presentes no cotidiano como sensações, sentimentos ou mesmo situações recorrentes na natureza. Os dois recursos foram utilizados com a intenção de favorecer o desenvolvimento da atividade a ser proposta, e para que percebessem a abordagem da caixa em outros contextos não relacionados diretamente à arte.

Em seguida os alunos foram motivados a pensar em um tema para ser desenvolvido na caixa que poderia ser exposta aberta ou fechada, de acordo com a intenção de cada aluno; a princípio propus que elegessem um tema mais abstrato, mas como ficou complexo para a maioria, dei abertura em relação a essa questão, surgiram então propostas sobre música, futebol, família, paz, entre outros. Os alunos trouxeram caixas e elementos referentes ao tema escolhido como imagens, poesias, músicas ou pequenos objetos, utilizaram também palavras, desenhos e colagens, além de informações

pesquisadas na internet a respeito do tema abordado, que preencheram o interior da caixa. A parte externa também foi explorada de acordo com a criatividade de cada um, eles foram orientados a construir de modo a permitir o manuseio durante a exposição. No período da produção plástica que foi realizada em 4 aulas de 50 minutos cada, observei que a maioria dos alunos demonstrou interesse, buscando solucionar problemas encontrados, sanando dúvidas, utilizando materiais diversos e discutindo entre eles sobre as etapas a serem cumpridas. Apenas um aluno não conseguiu terminar.



Imagem 8: Alunos organizando as caixas

Após as caixas estarem totalmente prontas foram expostas no corredor da escola, no horário do intervalo, quando observamos reações dos demais alunos da instituição. Durante essa exposição não percebemos muito interesse dos mesmos em abrir ou manusear as caixas, apenas observaram, os professores também participaram e houve relatos sobre a possibilidade de utilizarem a atividade como recurso de aprendizagem em outras disciplinas.



Imagem 9: Instalação no corredor da escola com as caixas construídas



Imagem 10: demais alunos em contato com os trabalhos

Os alunos relataram ter gostado da atividade porque tiveram maior liberdade para escolher os materiais, embora o suporte tenha sido o mesmo para todos, e também pela possibilidade de criarem sobre algo relacionado a eles. Embora a participação dos demais alunos da escola, não tenha sido satisfatória durante a exposição das caixas, acredito ter obtido um resultado positivo, pois percebi que os alunos foram bastante criativos na escolha dos elementos para a construção das caixas, conseguindo relacionar a produção artística com uma ideia pessoal e o seu cotidiano, apreendendo os conceitos explorados como a apropriação de um objeto já existente no cenário artístico e a linguagem da instalação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar a arte contemporânea na sala de aula foi de grande valia para o desenvolvimento da percepção dos alunos em relação ao papel da arte em nosso cotidiano, como meio de divulgar ideias e conceitos através de produções contextualizadas para favorecer a aprendizagem plena. O conteúdo contemporâneo não é muito explorado por professores de Arte, portanto é preciso que eles promovam situações que permitam ao aluno uma aproximação com esse universo da arte contemporânea, buscando conhecimentos, pesquisas, maneiras de se trabalhar o conteúdo, de modo que a sala de aula se torne um espaço ampliado de ressignificações, discussões, inquietações, aquisição de novos conceitos, aspectos tão relevantes na área.

A atividade desenvolvida com os alunos teve um bom resultado. Durante as aulas percebi que estavam motivados, embora a princípio apresentando dúvidas, talvez pelo fato de poderem expor mais livremente suas ideias, pelos materiais utilizados, cores ou temas explorados; as criações foram bastante significativas. A etapa da exposição da instalação não teve participação efetiva dos demais alunos da escola, não observamos interesse dos mesmos para manusear ou ler, ou ainda para fazer indagações a respeito do trabalho. Talvez tenha lhes faltado informações para tal participação ou até mesmo sobre a linguagem da instalação e suas características. Apesar dessa falha, considera-se que o objetivo da aprendizagem foi alcançado.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RIZZI, Maria Christina de Souza. Caminhos Metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. Ensino de Arte: perspectivas com base na prática de ensino. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PILAR, Analice Dutra. A Educação do Olhar no Ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. 4 ed. São Paulo, Cortez, 2008.

CANTON, Katia. Espaço e Lugar. In: *Temas da Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CANTON, Katia. Do Moderno ao Contemporâneo. In: *Temas da Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FUSARI, Maria F. de Rezende. FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo. *Arte na Educação Escolar*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

GOUTHIER, Juliana. *História do Ensino da Arte no Brasil*. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et tal. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, c 2015.

LITTIG, Sabrina Vieira. A Apropriação da Forma-Caixa. *Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES*, ano 4, v.3, n.6, jun. 2014.

ITAÚ CULTURAL. *Enciclopédia Itaú Cultural*. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

PORTAL DO PROFESSOR. *Portal do Professor*. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.go.br/buscaGeral.html?q=arte%20contemporanea>> Acesso em: 18 mar. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA. *Proposta Curricular*. Disponível em: <http://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/redemunicipal/arquivos/miolo_arte.pdf> Acesso em 13 set. 2015.

MUSEU BERARDO. *Museu Berardo*. Disponível em: <<http://pt.museuberardo.pt/colecao/artistas/125>> Acesso em 03 out. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRÍTO SANTO. *Periódicos*. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/colartes/article/download/7707/5499>> Acesso em 03 out. 2015.

HÉLIO OITICICA. *Hélio Oiticica*. Disponível em: <<http://www.heliooiticica.org.br/home/home.php>> Acesso em 05 out. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Revista UFMG*. Disponível em: <http://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20/18-entrevista-frederico_morais.pdf> Acesso em 05 out.2015.

ITAU CULTURAL. *Enciclopédia Itau Cultural*. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10593/cildo-meireles>> Acesso em 03 out. 2015.

ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ. *III Fórum de Pesquisa Científica em Arte*. Disponível em: <http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/bernadette_panek.pdf> Acesso em 05 out. 2015.

MÚLTIPLOS DE ARTE. *Precursores dos múltiplos*. Disponível em: <<https://multiplosdearte.wordpress.com/category/precursores-dos-multiplos/duchamp-multiplos-de-arte/>> Acesso em 25 out. 2015.

PINTEREST. *Pinterest*. Disponível em: <<https://www.pinterest.com/pin/524387950332579730/>> Acesso em 25/10/2015.

HÉLIO OITICICA. *Hélio Oiticica*. Disponível em: <<http://www.heliooiticica.org.br/obras/obras.php>> Acesso em 25/10/2015.

HÉLIO OITICICA. *Hélio Oiticica*. Disponível em: <http://www.heliooiticica.org.br/obras/obras.php?pageNum_obras=1&totalRows_obras=8> Acesso em 25/10/2015.

ANEXOS

ANEXO A: História *A Caixa de Pandora*

Na mitologia grega, Pandora ("a que possui todos os dons", ou "a que é o dom de todos os deuses") foi a primeira mulher, criada por Zeus como punição aos homens pela ousadia do titã Prometeu em roubar aos céus o segredo do fogo. Pandora era a filha primogênita de Zeus que, aos 9 anos de idade, recebeu de presente de seu pai o colar usado por Prometeu que foi retirado dele ao pagar a sua pena por roubar o fogo dos deuses. Pandora, então, arranhou uma caixa para pôr seu colar, a mesma caixa em que ela guardou a sua mente e as lembranças de seu primeiro namorado, cujo nome era Narciso. A caixa podia apenas guardar bens de todo o tipo, com exceção de bens materiais. Como o colar era um bem material, ele se auto-destruiu. Para Pandora o colar tinha valor sentimental, o que a fez chorar por muitos dias seguidos sem parar. Como a caixa guardava lembranças com a intenção de sempre recordar-las ao "dono", Pandora sempre se sentia triste. Tentou destruir a caixa para ver se ela se esquecia do fato, mas não funcionou, a caixa era fruto de um grande feitiço, que a impedia de ser destruída. Pandora então, aos 36 anos, se matou. Não aguentou viver mais de 27 anos com aquela "maldição". A caixa de Pandora é uma expressão muito utilizada quando se quer fazer referência a algo que gera curiosidade, mas que é melhor não ser revelado ou estudado, sob pena de se vir a mostrar algo terrível, que possa fugir de controle. Esta expressão vem do mito grego, que conta sobre a caixa que foi enviada com Pandora a Epimeteu. Pandora foi enviada a Epimeteu, irmão de Prometeu, como um presente de Zeus. Prometeu, antes de ser condenado a ficar 30.000 anos acorrentado no Monte Cáucaso, tendo seu fígado comido pelo abutre Éton todos os dias, alertou o irmão quanto ao perigo de se aceitar presentes de Zeus. Epimeteu, no entanto, ignorou a advertência do irmão e aceitou o presente do rei dos deuses, tomando Pandora como esposa. Pandora trouxe uma caixa (uma jarra ou ânfora, de acordo com diferentes traduções), enviada por Zeus em sua bagagem. Epimeteu acabou abrindo a caixa, e liberando os males que haveriam de afligir a humanidade dali em diante: a velhice, o trabalho, a doença, a loucura, a mentira e a paixão. No fundo da caixa, restou a Esperança (ou segundo algumas interpretações, a Crença irracional ou Credulidade). Com os males liberados da caixa, teve fim a idade de ouro da humanidade.

Disponível em <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/mitologiagrega/p1.php>> Acesso em: 04 nov 2015.

ANEXO B: Poema *Caixinha Mágica*

Eu fabrico uma caixa mágica, pra guardar o que não cabe
 Em nenhum lugar, a minha sombra: em dias de muito sol
 O amarelo que sobra do girassol, um suspiro de beija-flor
 Invisíveis lágrimas de amor
 Fabrico a caixa com vento, palavras e desequilíbrio
 E para fechá-la com tudo que leva dentro, basta uma gota de tempo
 O que é que você quer, esconder na minha caixa?

Disponível em <<http://www.roseanamurray.com/poemas.asp>>. Acesso em 04 nov. 2015.